

A DESIGUALDADE DE GÊNERO E DIFUSÃO DE ESTEREÓTIPOS FEMININOS ENTRE AS CRIANÇAS PEQUENINHAS NO COLETIVO DA CRECHE

Palavras-Chave: Educação Infantil; Culturas Infantis; Desigualdade de gênero.

Autoras:

FLÁVIA EDUARDA GOMES PEREIRA, Unicamp.

Prof.^a Dr.^a ANA LÚCIA GOULART DE FARIA, Orientadora, Unicamp.

INTRODUÇÃO:

As discussões desenvolvidas a partir do grupo GEPEDISC linha Culturas Infantis da Faculdade de Educação da Unicamp trouxeram-me reflexões acerca das questões de gênero na educação em creche das crianças pequeninhas de 0-3 anos de idade. O meu trabalho como docente numa creche pública ampliou meu olhar de pesquisadora e a pesquisa, por sua vez, trouxe questões para problematizar minha prática pedagógica. O acesso às pesquisas de Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado das/os participantes do referido grupo, suscitou ainda mais meu interesse e necessidade de pesquisar sobre a temática.

Foi possível, desta forma, definir o objeto de investigação: a desigualdade de gênero e difusão de estereótipos femininos no coletivo da creche. A fim de explorar as relações de poder, entre as crianças pequeninhas, no contexto do patriarcado no capitalismo, sob a perspectiva que inclui a luta das mulheres, os referenciais teóricos foram eleitos. A construção dos argumentos durante a discussão tomará como base a legislação brasileira, autoras e autores que estudam as infâncias sob o aporte da pedagogia da infância com abordagem nas ciências sociais, obras de autoras marxistas e das feministas negras e algumas obras da bibliografia italiana sobre a Educação Infantil, traduzida para o português.

O objetivo geral desta pesquisa para Iniciação Científica é partir dos relatos das professoras de creche da rede municipal de Manaus, no norte do país, em relação às interações entre as crianças pequeninhas, a fim de observar os estereótipos femininos difundidos nessas relações e também entre elas e as pessoas adultas. Pretende-se ainda 1. Diferenciar as feminilidades atribuídas às mulheres negras e não negras e 2. Problematizar os estereótipos a partir da raça, classe social e gênero, 3. Analisar as especificidades da região estudada, baseando-se em autoras e autores regionais e 4. Considerar quais argumentos e impactos são relevantes na análise das relações e que tipo de comportamento – por parte das próprias colegas professoras – proporcionam e favorecem a propagação de estereótipos femininos na creche.

A partir da realização do grupo focal – um encontro virtual com professoras (Gatti 2005) com professoras de uma creche da Rede Pública de Manaus, a discussão acerca das questões de estereótipo são pensadas. Observando seus relatos, as músicas cantadas, as histórias contadas e as interações no grupo de WhatsApp.

Desde o ingresso das crianças na Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, é importante pensar práticas diárias acerca da equidade de gênero dentro do coletivo, entre as crianças. Esteves, (2015) desenvolveu sua pesquisa para o TCC e Iniciação Científica sobre as relações de gênero no coletivo da creche, problematizando a estrutura dada e propondo outra concepção de educação e outra concepção de pequena infância. Neste sentido, ela afirmou uma educação feminista, que combata os ideais machistas desde a mais tenra infância:

[...] o fim da soberania masculina, onde os homens detêm o poder, a voz e ocupam cargos de mais prestígio na sociedade. A mulher teria seu espaço que é de direito, com salários iguais, funções iguais, afirmando que a profissão de professora não tem menos prestígio e que a mulher pode ter a profissão que quiser (2015, p. 45).

A vida das mulheres é coagida pela exacerbada desigualdade já presente no meio social, a autoestima e a liberdade são comprometidas quando o conceito de superioridade masculina lhes é apresentado. A separação entre meninos e meninas em jogos e brincadeiras e difusão de estereótipos mesmo com as crianças pequenininhas são exemplos¹. As brincadeiras nos parques das creches são momentos que explicitam esta questão quando as meninas brincam no espaço das “casinhas” em maior frequência.

Os estudos de Santiago (2019) que tratam da infância sob o aporte da interseccionalidade, entre raça, classe, gênero e idade, trazem reflexões acerca destas questões, problematizando a homogeneização das infâncias e propondo trato horizontal, antiadultocêntrico com as crianças, tendo-as enquanto sujeitos completos abandonando a ideia de incompletude e da criança como apenas um “vir a ser”.

METODOLOGIA:

O procedimento metodológico para o desenvolvimento da pesquisa é a utilização do grupo focal com as professoras, devidamente analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Há ainda a presença do suporte teórico de autores e autoras como ferramenta de análise. A primeira, acontece a partir de um encontro, virtual com roteiro pré-estabelecido gravado em sala virtual do aplicativo *Google Meet*. Acompanhei e registrei em caderno de campo estas conversas, atenta às questões de gênero e a difusão dos estereótipos femininos. Foram empreendidos

¹ Acerca desta questão, o livro “Isso aí é Rachismo! Feminismo em estado de alerta na educação das crianças pequenas: transformações emancipatórias para pedagogias descolonizadoras” escrito por mulheres feministas, professoras, criancistas e criançólogas, aborda as relações desiguais, bem como elenca de maneira poética em sua própria capa um brado desesperado de uma criança denunciando o “rachismo” presente no momento da distribuição dos brinquedos nas instituições majoritariamente adultocêntricas. (Silva, Faria e Finco, 2019)

esforços para obter os consentimentos legais e esclarecidos das participantes da pesquisa, bem como esclarecer quaisquer dúvidas que surgiram ao longo do processo.²

Interrompida pela pandemia, a observação direta das crianças foi substituída e a etnografia continuará não presencial, com entrevistas, análise das músicas cantadas e histórias contadas nos encontros virtuais. A pesquisa bibliográfica tomará como base os estudos de Davis (2016), Falquet (2018) e Akotirene (2019). A escolha de autoras marxistas como referencial teórico, quando se trata da temática acerca das questões do gênero feminino, é uma forma de legitimar a pesquisa e partir da perspectiva de mulheres acerca da problemática em foco e analisar os dados reunidos na pesquisa de campo a partir deste olhar. A escolha da metodologia teve como base a complexidade do tema, que requer dedicação total ao conhecimento de aspectos detalhados das situações mais diversas no coletivo da creche.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Após séculos, e muitas lutas por igualdade e a conquista de mudanças estruturais significativas, como por exemplo, o direito assegurado pela Constituição Federal (BRASIL, 1988) à educação igualitária, ainda hoje meninas e mulheres são comumente associadas ao casamento, criação de filhos e filhas e domínio dos afazeres domésticos por um ideal de feminilidade imposto, propagado e cobrado socialmente. Um exemplo deste “ideal” ocorreu no ano de 2016, após o golpe sofrido pela presidenta Dilma Rousseff, a então primeira-dama do Brasil, esposa do presidente interino Michel Temer, foi nacionalmente elogiada devido às suas características “belas, recatadas e do lar”³.

Figura 1 - Charge Sobrecarga das mulheres na pandemia



Fonte: <<https://bit.ly/2WlQYef>>. Acesso: 20 ago. 2021

Dentro de um recorte de pandemia, com creches fechadas, comércios interditados e a demanda do isolamento social, a jornada das mulheres tornou-se tripla e quadrupla. As mães dividem a sobrecarga das demandas domésticas, de seus empregos remotos ou presenciais e da educação dos/as filhos/as. No espaço da creche – e na sociedade de maneira geral – as tarefas são socialmente direcionadas diferentemente a homens e a mulheres

transformando as diferenças em desigualdade. Embora as mulheres das camadas populares

² Para realizar o encontro, a presente pesquisa passou pela análise do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e aprovado sob o Número do CAAE: 41326620.1.0000.8142.

³ LINHARES, Juliana. Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”. **Veja**. 2016. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>>

sempre tenham trabalhado, a possibilidade de votar e estudar foi aos poucos se fazendo presente nas vivências de brasileiras de todas as classes sociais.

Entretanto, mesmo com transformações, o binarismo de gênero e estímulo competitivo entre os sexos são muito presentes em muitos locais, inclusive nas creches e pré-escolas na Educação Infantil. Posicionamentos comuns como associar a posição de uma mulher defendendo sua opinião a seu período menstrual ou afirmar para uma menina que ela deve desde cedo aprender a lavar, passar e cozinhar e submeter-se até a violência física e psicológica exercida por um homem, são aspectos ressaltados pela desigualdade de gênero. Talvez, por este motivo, os homens sentem-se dotados de capacidade de dominar as mulheres em todos os setores de sua vida: moral, psicológico, físico, profissional e sexual.

A hipótese inicial, levantada no início da pesquisa é a existência de práticas no contexto da creche que difundem os estereótipos femininos. Sejam pelas falas das pessoas adultas e/ou atitudes que são internalizadas pelas crianças, as especificidades dos estereótipos são analisadas e consideradas sob o aporte do levantamento bibliográfico teórico e do grupo focal (Gatti, 2005).

A partir da combinação dos procedimentos metodológicos, foi possível perceber que em alguns contextos recortados estas estereotipações não tomam formas tão proeminentes quanto em outras. Todavia, é perceptível a existência de práticas sexistas que as estimulam e as propagam, concebendo um padrão de feminilidade excludente com aspirações eurocêntricas coloniais e majoritariamente brancas, a partir de um contexto patriarcal imposto.

CONCLUSÕES:

Dentro do atual contexto da pandemia do Coronavírus, período em que inúmeras desigualdades se evidenciaram com enorme incidência, a relevância de práticas educativas libertadoras, livres de ações e discursos racistas, machistas, elitistas ou adultocêntricas fazem-se ainda mais urgentes e necessárias. Dessa forma, a fim de romper as desigualdades explicitadas é preciso reinventar a educação para torná-la antimachista, antiadultocêntrica, antirracista e antielitista desde a creche. A manifestação de insatisfação e resistência presente ao longo destas linhas é apenas um excerto da pesquisa em andamento que pretende continuar na busca por uma educação para as ditas minorias, contra qualquer tipo de exclusão ou desigualdade.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%: Um manifesto**. Editora Boitempo, 2019.
- BRAZ, Ruy. **Outras cem: Narrativas de bebês em múltiplas linguagens**. 2012. 135p. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Educação - UNICAMP, Campinas, SP. Disponível em: Acesso em: 22 jun. 2021.
- BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988.
- BRASIL, **Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996.

CORSARO, William A. A reprodução interpretativa no brincar ao "faz-de-conta" das crianças. **Educação, Sociedade e Culturas**, Porto, PT, n. 17, p. 113 – 13. 2002 CORSARO, William A. **The sociology of childhood**. Thousand Oaks, CA: Pine Forge Press, 1997.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. 2016. Disponível em: <<https://coletivoanarquistalutadeclasse.files.wordpress.com/2010/11/mulheres-raca-e-classeangela-davis.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2021.

DOARÉ, Hélène le; LABORIE, Françoise; HIRATA, Helena; SENOTIER, Danièle. **Dicionário Crítico do feminismo**. 2009. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4098403/mod_resource/content/1/Kergoat%20p.67-75%20in%20Dicionario_critico_do_feminismo%202009.pdf>. Acesso em: 29 mai. 2021.

ESTEVES, Vivian Colella. **Entre princesas e piratas: Um estudo das relações de gênero na creche da Unicamp**. 2015. 112p. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Educação - UNICAMP, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000951659&opt=1>>. Acesso em: 09 abr. 2021.

FALQUET, Jules. História do Coletivo Combahee River. **Lutas Sociais**, São Paulo, vol. 22 n. 40, p. 124-137, 2018.

FERREIRA, Manuela. “- Ela é nossa prisioneira!” – Questões teóricas, epistemológicas e ético-metodológicas a propósito dos processos de obtenção da permissão das crianças pequenas numa pesquisa etnográfica. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 18, n.2, p. 151-182, jul/dez. 2010. Disponível em: Acesso em: 12 jun. 2021.

GATTI, Bernardete Angelina. Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. **Cadernos de pesquisa – Série Pesquisa em Educação**, Brasília, v.10, 2005.

PRADO, Patrícia Dias. **Educação e Cultura Infantil em creche: um estudo sobre as brincadeiras de crianças pequenininhas em um CEMEI de Campinas/SP**. 1998. Dissertação de 20 Mestrado – Faculdade de Educação – UNICAMP. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/252436>>. Acesso em: 22 jun. 2021.

RIBEIRO, Jucélia Santos Bispo. Brincadeiras de meninas e de meninos: socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 26, p. 145-168, junho, 2006. Disponível em: Acesso em: 11 jun. 2021.

ROSEMBERG, Fúlvia. Políticas públicas e qualidade da educação infantil. In: ARTES, Amélia; UNBEHAUM, Sandra. **Escritos de Fúlvia Rosemberg**. SP: Cortez Editora, 2015, p. 216-235.

ROSEMBERG, Fúlvia; PINTO, Regina. P.; NEGRÃO, Esmeralda V. **A educação da mulher no Brasil**. São Paulo, SP: Global, 1982.

SANTIAGO, Flávio. **Eu quero ser o sol – Crianças pequenininhas, culturas infantis, creche e intersecção**. São Carlos, SP: Pedro & João, 2019.

SILVA, Adriana Alves; FARIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela. (orgs.) **“Isso aí é rachismo!” Feminismo em estado de alerta na educação das crianças pequenas: Transformações emancipatórias para pedagogias descolonizadoras**. São Carlos: Pedro & João editores. 2019.

SILVA, Vanessa Lima da. **Invenções e transgressões poéticas de crianças pequenininhas na creche**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Educação – UNICAMP. 15 Disponível em: Acesso em 11 jun. 2021.